

TOLEDO, Conceição Arruda. Campineana. Diário do Povo,
Campinas, 15 maio 1983.

Campineana

Diário do Povo 15-5-83 Conceição Arruda Toledo

* Nas antevésperas do bicentenário da cidade de Campinas, li pela primeira vez a expressão "campeniana", - em analogia à coleção de publicações de S. Paulo sobre estudos históricos, - sugestão do acadêmico professor Odilon Nogueira de Matos, para que a municipalidade campinense editasse obras sobre coisas e gentes nossas e reeditasse obras esgotadas, de indiscutível valor cultural e didático. O emérito professor chegou mesmo a esboçar plano para a concretização da idéia, uma vez que ele integrava a Comissão destinada a esse mister que, infelizmente, não chegou sequer a ser iniciado. Um lamentável destino pôs por terra todos esses planos, que incluíam um levantamento bio-bibliográfico que muito iria contribuir para estudantes de hoje e do futuro. Não foi à toa que o saudoso prof. Júlio Silveira Sudário escreveu um dia sobre o "descalabro cultural" de Campinas, uma cidade que "cria e sepulta seus méritos", lembrando que tudo fica "raridade, desaparece e com isso nosso passado fica cada vez mais distante, o presente caminhando para a repetição e o futuro mergulhado no problemático e, possivelmente, no caótico".

Nos planos do prof. Odilon, a Prefeitura reservaria anualmente em seu orçamento uma verba para que, pelo menos dois livros relacionados a Campinas pudessem ser editados, ou reeditados. Dessa forma, pelo menos dez volumes poderiam, de início, constituir a "Campineana".

Em 1977, voltou o prof. Odilon ao assunto, inspirado na "taubateana", publicada pela Prefeitura de Taubaté, nos moldes da "nati-morta" campineana. Lá, na ocasião, informava o colunista, já haviam sido publicados seis volumes da série, enquanto que a nossa tornou-se "um sonho de uma noite de verão".

Recentemente, o acadêmico Mário Pires voltou ao assunto, esperançoso

de que a nova administração volte suas vistas para o tema, sugerindo novamente a realização da "campineana", termo que ele julga neologismo... Faz também ele uma porção de sugestões, as quais endosso, pois também eu escrevi sobre o assunto, indicando, inclusive, matéria para fazer parte das publicações.

Uma delas, por mim sugerida, "Panorama da Poesia Campineira", de Aristides Monteiro, graças aos esforços de outro acadêmico, o saudoso Hilton Federici, foi publicado com o patrocínio do Banco Itaú S.A.

No artigo do prof. Mário Pires, há alusão às palavras de Federici, apelando a continuadores do trabalho de Aristides Monteiro, que vai até o ano de 1920, justamente para não falar de si mesmo, o centro da cultura de Campinas no quinquênio seguinte. Pois agora passo a informar que o estudo desse período já está concluído. De posse de excelente material, oferecido pelo próprio Aristides Monteiro em uma vasta correspondência comigo mantida, efetuei diversos trabalhos, lidos na Academia, engavetados por falta de patrocinador.

Então, pergunto: — Quem se habilita? O mesmo Banco Itaú, a Prefeitura, alguma empresa de vulto? Quem?

Caso contrário, será mais um trabalho, dos muitos escritos por campineiros natos ou de adoção (como é o meu caso) a morrer no fundo de uma gaveta, confirmando a assertiva do professor Sudário: "Campinas cria e sepulta seus méritos". Porque vejo muito mérito em divulgar a influência e o valor de um campineiro da estatura moral e cultural de um Aristides Monteiro, cujos trabalhos sobre a cidade, mesmo à distância, só a engrandecem.

Dirijo-me agora à Secretaria de Cultura: - Vamos dar corpo à Campineana? Vamos começar, pelo menos, a série?